

MASCULINIDADE TÓXICA E EDUCAÇÃO CRÍTICA:

Desconstruindo normas de gênero no ensino de língua inglesa

TOXIC MASCULINITY AND CRITICAL EDUCATION:

Deconstructing gender norms in English language teaching



Revista dos Cursos de Letras e do Programa
de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 06/04/2025

Aprovação do trabalho: 01/02/2026

Publicação do trabalho: 31/07/2026

Samara Leandro de Oliveira  
samaraleandro2011@gmail.com
 Universidade Federal de Goiás

Dayanny Marins Coelho  
dayannypnn@hotmail.com
 Universidade Federal de Goiás

COMO CITAR

MARINS COELHO, Dayanny; LEANDRO DE OLIVEIRA, Samara. MASCULINIDADE TÓXICA E EDUCAÇÃO CRÍTICA: Desconstruindo normas de gênero no ensino de língua inglesa. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 1-13, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/716>.

Resumo

Este artigo analisa discursos sobre masculinidade tóxica emergentes no contexto da formação inicial de professores, investigando as percepções e debates de acadêmicos do sexto período de um curso de Letras durante as aulas de língua inglesa. O arcabouço teórico-conceitual compreende as formulações sobre gênero, discurso e decolonialidade propostas por Beauvoir (1967), Moita Lopes (2002), Butler (2003), Fanon (2008), Maldonado-Torres (2008), Foucault (2011), hooks (2015), Louro (2016) e Morantes-Africano (2023). Alinha-se, ademais, aos pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD) propostos por Fairclough (2008), compreendendo a linguagem como prática social mediadora de poder. A metodologia adotada é qualitativa e de cunho interpretativista, caracterizando-se como um estudo de caso focado nas interações discursivas cotidianas. Os resultados evidenciam uma ampliação da consciência crítica dos discentes, os quais articularam reflexões profundas acerca da urgência de dismantlar estereótipos de gênero e fomentar práticas sociais mais equitativas. Conclui-se que a sala de aula de língua estrangeira se configura como um espaço político essencial para promover o diálogo crítico e combater violências simbólicas e estruturais.

Palavras-chave: masculinidades; Análise Crítica do Discurso; ensino de língua inglesa; formação crítica; gênero.

Abstract

This article analyzes discourses on toxic masculinity emerging within the context of pre-service teacher education, investigating the perceptions and debates of sixth-semester Language and Literature undergraduate students during English language classes. The theoretical framework comprises the formulations on gender, discourse, and decoloniality proposed by Beauvoir (1967), Moita Lopes (2002), Butler (2003), Fanon (2008), Maldonado-Torres (2008), Foucault (2011), hooks (2015), Louro (2016), and Morantes-Africano (2023). Furthermore, it aligns with the principles of Critical Discourse Analysis (CDA) advanced by Fairclough (2008), understanding language as a power-mediating social practice. The methodology is qualitative and interpretative, structured as a case study focused on daily discursive interactions. The findings reveal an expansion of the students' critical awareness, as they articulated profound reflections on the urgency of dismantling gender stereotypes and fostering more equitable social practices. The study concludes that the foreign language classroom configures a crucial political space to promote critical dialogue and confront symbolic and structural violence.

Key words: toxic masculinities; gender norms; mental health; gender equality; deconstruction.

Introdução

Consideramos fundamental refletir sobre o ensino de língua inglesa em contextos de sala de aula à luz da Linguística Aplicada (doravante, LA), uma vez que, ao ensinar, estamos inevitavelmente influenciando a vida social, moldando sujeitos e práticas discursivas. Reconhecemos, ainda, que a linguagem atua, muitas vezes, como veículo de reprodução de estereótipos e discriminações, o que torna imperativa a necessidade de repensar, desconstruir e reinventar abordagens pedagógicas, partindo do entendimento de que não há neutralidade na linguagem e nas práticas educacionais.

Neste cenário, compreender a educação superior como um espaço potencial para a desconstrução de estereótipos de gênero implica reconhecer o papel estratégico das instituições acadêmicas na promoção da equidade, na construção de uma sociedade mais justa e na formação de sujeitos críticos, capazes de atuar como agentes de transformação social.

O interesse por investigar a masculinidade tóxica e as normas de gênero emerge da urgência de enfrentar um fenômeno social de larga escala, com implicações diretas nas esferas da desigualdade, da violência e da opressão. Trata-se de uma temática contemporânea e socialmente relevante, que perpassa campos como os Estudos Culturais, a Linguística e a Literatura, oferecendo uma plataforma crítica para examinar como as representações de masculinidade circulam na linguagem, na literatura e na cultura midiática.

Neste contexto, o curso de Letras, especialmente por sua natureza interdisciplinar, configura-se como espaço privilegiado para a problematização de discursos. Os estudantes são estimulados a desenvolver leituras críticas de textos e práticas discursivas, o que os capacita a refletir sobre as representações sociais de masculinidades e os impactos que estas exercem sobre diferentes sujeitos.

Frente a esse cenário, este artigo delimita como objetivo geral investigar de que modo o processo de ensino de língua inglesa, mediado por práticas de letramento crítico, pode contribuir para a desestabilização de discursos e normas associados à masculinidade tóxica, tomando como cenário a sala de aula do sexto período de um curso de Letras de uma universidade pública no interior de Goiás.

Para responder a essa proposição principal, traçamos objetivos específicos voltados a mapear e analisar as categorias discursivas mobilizadas pelos estudantes ao problematizarem os fatores socioculturais que sustentam as masculinidades hegemônicas, bem como identificar o impacto emocional e psicológico dessas normas de gênero na subjetividade dos próprios graduandos. Pretendemos, ademais, compreender as relações estabelecidas pelos discentes entre os discursos de masculinidade e as violências estruturais contra minorias sociais e, por fim, discutir o papel pedagógico e epistemológico do ensino crítico da língua inglesa como dispositivo para a desconstrução de práticas discriminatórias.

Para fundamentar teoricamente a pesquisa, recorreremos a um referencial interdisciplinar que intercala as discussões sobre identidades de gênero e poder em Beauvoir (1967), Butler (2003) e Louro (2016) com as perspectivas decoloniais e interseccionais de Fanon (2008), Maldonado-Torres (2008) e Morantes-Africano (2023). O construto de linguagem e discurso ancora-se nas premissas críticas de Moita Lopes (2002) e, predominantemente, na vertente tridimensional da Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta por Fairclough (2008), o que nos permite perscrutar as interações verbais como reflexo e motor de mudanças sociais. A postura político-pedagógica adota as contribuições emancipatórias de bell hooks (2015) sobre uma educação transformadora.

No que tange aos procedimentos metodológicos, a investigação insere-se na abordagem qualitativa, de

natureza interpretativista e naturalista, caracterizando-se como um estudo de caso (Lüdke; André, 1986; Stake, 1999; Yin, 2005) voltado à análise contextualizada de um evento específico e à atribuição de sentidos aos dados construídos ao longo do processo investigativo (Mello; Rees, 2011; Denzin; Lincoln, 2013).

Este artigo está estruturado em quatro partes. Inicialmente, discutimos conceitualmente a masculinidade tóxica e as normas de gênero. Em seguida, abordamos a desconstrução desses padrões como prática educacional. Na terceira parte, discutimos o discurso enquanto forma de atuação social, atentando às interações entre o ambiente escolar e a vida em sociedade. Por fim, apresentamos os procedimentos metodológicos e o estudo analítico realizado.

1 A problematização da masculinidade tóxica e normas de gênero

A masculinidade tóxica constitui um fenômeno social que atravessa diversas culturas ao redor do mundo, impondo expectativas e normas restritivas sobre como os homens devem se comportar, sentir e se relacionar. Tais normas de gênero não apenas limitam a liberdade individual dos homens, mas também perpetuam desigualdades e comprometem o bem-estar coletivo. Neste artigo, buscamos explorar as origens e manifestações das masculinidades tóxicas, bem como discutir estratégias para a desconstrução desses estereótipos limitantes.

Inicialmente, é possível afirmar que a masculinidade tóxica tem suas raízes em estruturas patriarcais que conferem valor desproporcional a traços tradicionalmente associados ao masculino, como a força física, a agressividade e a independência emocional. Desde a infância, os meninos são socializados a reprimir emoções consideradas “femininas”, como a tristeza, a vulnerabilidade e a ternura, sendo incentivados a adotar uma postura emocional restrita e dominante. Essa socialização é reforçada por múltiplos agentes, como a família, mídia, escola, grupos de pares, e resulta em padrões prejudiciais que se expressam, por exemplo, na valorização da violência como solução de conflitos ou na expectativa de uma sexualidade compulsória e predatória, muitas vezes desrespeitosa em relação a mulheres e outras identidades de gênero.

Fanon (2008) discute como a experiência colonial leva indivíduos colonizados à internalização de padrões de inferioridade racial e cultural, afetando sua autoimagem e suas relações interpessoais. Em diálogo com esse pensamento, é possível compreender que dinâmicas coloniais de poder e subjugação também influenciam a construção das masculinidades, sobretudo quando os homens colonizados adotam comportamentos agressivos e dominadores como forma de se afirmarem dentro dos parâmetros do colonizador. A emulação desses padrões, conforme aponta Fanon, pode ser vista como uma tentativa de escapar da estigmatização da negritude, aproximando-se de modelos hegemônicos de masculinidade.

Por sua vez, hooks (2015), analisa criticamente a cultura patriarcal e sua promoção de uma masculinidade baseada no controle e na dominação. Para a autora, essa concepção é prejudicial a todos os sujeitos, pois sustenta relações assimétricas, nega a humanidade dos afetos e limita a possibilidade de construção de vínculos saudáveis. A masculinidade tóxica, nesse contexto, exige dos homens a supressão de suas vulnerabilidades, o que repercute negativamente em sua saúde mental e em suas relações interpessoais. Além disso, hooks evidencia a associação entre masculinidade e violência como um mito cultural que precisa ser desnaturalizado.

Maldonado-Torres (2008) contribui com uma perspectiva interseccional ao refletir sobre as conexões entre raça, gênero e classe. Segundo o autor, as normas de masculinidade não apenas se constroem em oposição à feminilidade, como também são utilizadas para justificar práticas de dominação. A colonialidade

do poder, nesse sentido, molda expressões de masculinidade que valorizam a competição, a força e o controle, ignorando a diversidade de experiências e subjetividades. Essa leitura permite compreender como as masculinidades tóxicas são produzidas e reproduzidas nas interações sociais cotidianas, com impactos profundos na vida dos indivíduos.

Com base nesses aportes teóricos, é possível afirmar que as masculinidades tóxicas se entrelaçam com o patriarcado e com diferentes formas de opressão, exigindo uma análise crítica que considere suas implicações na saúde física e mental dos homens, nas dinâmicas de violência e nas relações de poder. A compreensão dessas masculinidades deve reconhecer a pluralidade das experiências masculinas, atravessadas por marcadores como raça, classe, sexualidade e deficiência.

A pressão para reprimir emoções e expressar apenas sentimentos “aceitáveis” resulta em sofrimento psíquico, como ansiedade e depressão, e compromete a capacidade de estabelecer relações empáticas e afetivas. Além disso, a rigidez dos papéis de gênero restringe as possibilidades de ação dos homens, inibindo interesses e competências que escapam ao modelo hegemônico de masculinidade, como o cuidado, a sensibilidade estética ou o envolvimento em profissões tradicionalmente associadas ao feminino.

Desconstruir esses padrões requer um trabalho contínuo e coletivo. A escola, como espaço de formação crítica, deve promover desde cedo uma educação para a equidade de gênero, desafiando estereótipos e valorizando a diversidade. A mídia, por sua vez, pode contribuir ao ampliar as representações de masculinidades possíveis, valorizando figuras masculinas sensíveis, cuidadoras e colaborativas.

Por fim, as masculinidades tóxicas e as normas de gênero restritivas representam obstáculos significativos à justiça de gênero e ao bem-estar social. Contudo, por meio da conscientização, da educação e da ação política e pedagógica, é possível romper com esses modelos opressores e construir alternativas mais humanas, inclusivas e diversas. O desafio está em desfazer os padrões normativos e abrir espaço para novas formas de ser e de estar no mundo, formas que reconheçam a complexidade da experiência masculina e a dignidade de todas as identidades de gênero.

2 Masculinidade tóxica e normas de gênero: por uma desconstrução necessária

Desconstruir padrões de masculinidade e normas de gênero é uma tarefa crucial na busca por uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Ao longo dos anos, fomos condicionados a aceitar e perpetuar ideais rígidos e estereotipados sobre o que significa ser um homem ou uma mulher. Esses padrões, frequentemente associados à força, agressividade e dominação, não apenas limitam o potencial humano, mas também contribuem para a manutenção das desigualdades de gênero, perpetuando a violência e a discriminação.

Segundo Moita Lopes (2002), as normas de gênero manifestam-se na linguagem por meio de estereótipos e expectativas culturais sobre como homens e mulheres devem falar e se comportar. Isso inclui o uso de determinados tipos de vocabulário, padrões de entonação, gestos e até mesmo a forma como os discursos são organizados. O autor chama a atenção para o fato de que essas normas podem restringir a liberdade de expressão e reforçar hierarquias de poder, ao limitar comportamentos considerados aceitáveis para cada gênero. Dessa forma, ele defende uma abordagem crítica em relação às normas de gênero na linguagem, com o objetivo de questionar e desafiar tais expectativas sociais, promovendo a igualdade de oportunidades para todos, independentemente do gênero.

Com base nesse argumento, podemos afirmar que desconstruir esses padrões implica desafiar as normas de gênero impostas socialmente, reconhecendo a diversidade de identidades e expressões. Trata-se de

abrir espaço para que homens e mulheres possam se expressar livremente, sem medo de julgamento ou discriminação com base em estereótipos. Significa também compreender que características e habilidades não são inerentes ao sexo biológico, e que todas as pessoas têm o direito de ser quem são, independentemente de sua identidade de gênero.

Além disso, desconstruir padrões de masculinidade e normas de gênero envolve a promoção de relações mais igualitárias e respeitadas entre os gêneros. Isso inclui combater a violência doméstica e o assédio sexual, desconstruir a cultura do estupro e promover a educação para o consentimento e o respeito mútuo. Envolve também valorizar o trabalho doméstico e de cuidado historicamente associado à feminilidade e, por isso, desvalorizado e promover a equidade de gênero em todas as esferas da sociedade, incluindo o mercado de trabalho e a política.

Nesse mesmo sentido, Beauvoir (1967) argumenta que as normas de gênero são construções sociais que moldam as identidades e os papéis atribuídos a homens e mulheres. A autora critica a maneira como essas normas mantêm as mulheres em posições de subordinação, perpetuando a desigualdade. Ela ressalta que tais normas são internalizadas desde a infância e influenciam profundamente a forma como homens e mulheres agem e são tratados na vida adulta. Ao defender que as diferenças entre os sexos são, majoritariamente, produtos da cultura e da história, e não de uma essência natural, Beauvoir propõe que a liberdade e a igualdade só podem ser alcançadas quando essas normas são questionadas e superadas, permitindo que todos sejam reconhecidos como indivíduos autônomos e iguais em direitos.

Assim, é importante destacar que desconstruir padrões de masculinidade e normas de gênero não significa negar as experiências individuais, mas sim reconhecer que tais experiências são moldadas por contextos sociais, culturais e históricos específicos. Significa, também, compreender que todos, independentemente do gênero podem se beneficiar de uma sociedade mais justa, onde cada pessoa tenha a liberdade de ser quem é, sem medo de sofrer discriminação ou violência.

Em suma, dismantellar estereótipos de masculinidade e desafiar normas de gênero é uma jornada contínua e coletiva rumo à igualdade e à justiça de gênero. Isso exige o engajamento de todos os setores da sociedade desde o governo e as instituições até as comunidades e os indivíduos na construção de uma cultura baseada no respeito, na equidade e na dignidade para todas as pessoas.

3 O discurso como forma de atuação: interações entre o ambiente escolar e a vida social

O discurso é uma ferramenta poderosa que desempenha um papel central nas interações entre o ambiente escolar e a vida social. Ele não apenas transmite informações, mas também molda atitudes, influencia comportamentos e constrói realidades. Ao compreendermos o discurso como uma forma de atuação, percebemos seu impacto direto nas relações humanas e na dinâmica social como um todo. No ambiente escolar, o discurso constitui elemento essencial do processo educacional. Professores utilizam a linguagem para ensinar, motivar e orientar os alunos em seu percurso formativo. A linguagem empregada em sala de aula, os materiais didáticos e as interações entre alunos e professores são exemplos concretos de como o discurso atua na escola. Além disso, ele influencia também a forma como os estudantes se relaciona entre si, moldando suas identidades, valores e visões de mundo.

Segundo Fairclough (2008), a linguagem, enquanto atividade social, é permeada por ideias predominantes no contexto, sendo capaz de expressar domínios ideológicos, políticos, econômicos, entre outros. Tais ideias associam-se à construção da realidade e a interpretações específicas sobre o mundo físico,

as interações sociais e as identidades, moldando práticas linguísticas e contribuindo para a manutenção ou transformação das relações de poder. Assim, a linguagem participa da constituição das identidades sociais, das interações e dos sistemas de crenças, refletindo e, ao mesmo tempo, possibilitando mudanças sociais.

Louro (2016) destaca que o discurso heteronormativo atua como regulador da sexualidade, promovendo a inclusão de determinados sujeitos e a exclusão de outros, mesmo diante do avanço da diversidade sexual na sociedade. Conforme aponta Morantes-Africano (2023, p. 241), no cerne da “heteronormatividade considerada como o fundamento da sociedade ocorre a estigmatização e a marginalização de outras formas de sexualidade”. O discurso da normalidade trata frequentemente a sexualidade como algo privado e biologicamente natural, obscurecendo a pluralidade das experiências humanas.

Foucault (2011) argumenta que todo sistema educacional é uma estrutura política que visa manter ou modificar o controle sobre os discursos e os poderes a eles associados. Discutir questões relacionadas à igualdade de gênero no espaço escolar é desafiador, pois confronta crenças pessoais e discursos hegemônicos, como a concepção binária dos corpos. Nesse sentido, torna-se essencial reconhecer o papel da linguagem e das práticas discursivas na formação das identidades sociais e dos sistemas de crença. Os educadores devem estar atentos ao impacto da linguagem e promover o desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos. Uma educação sexual inclusiva deve contemplar a diversidade dos sujeitos e questionar discursos normativos que buscam regular os corpos e comportamentos.

Dessa forma, o contexto escolar exerce função primordial na promoção de transformações sociais, a partir da análise crítica dos discursos predominantes e de suas implicações nas práticas educativas e nas relações interpessoais. Cabe aos educadores fomentar uma formação crítica e abrangente, conscientes de que suas metodologias influenciam significativamente a construção das identidades sociais dos estudantes.

4 Metodologia e perspectivas analíticas: um olhar sobre as interações discursivas em sala de aula

A pesquisa foi realizada com uma turma do sexto período do curso de Letras, no segundo semestre de 2024, em uma universidade pública estadual localizada em uma cidade do interior do estado de Goiás. Participaram da investigação dez alunos; no entanto, optamos por selecionar apenas três entrevistas para compor esta análise, considerando a profundidade das reflexões, a diversidade das experiências compartilhadas e a relevância dos discursos em relação aos objetivos do estudo. A referida turma possuía uma carga horária semanal de quatro aulas de língua inglesa, com duração de 50 minutos cada.

O desenho metodológico foi estruturado a partir da articulação entre a prática pedagógica crítica no ensino de língua inglesa e as dimensões da Análise Crítica do Discurso (ACD) propostas por Fairclough (2008). Assim, os dados empíricos gerados não foram tratados como meros relatos temáticos, mas como textos imersos em práticas discursivas que reproduzem ou desafiam a prática social hegemônica do patriarcado. Para tanto, estabelecemos três dimensões analíticas centrais para o exame das falas: a) a dimensão textual (escolhas lexicais e posicionamentos avaliativos); b) a prática discursiva (os processos de recepção do artigo da OPAS e a produção de novos sentidos); e c) a prática social (o potencial de engajamento político e transformação institucional dos sujeitos frente às opressões de gênero).

O presente estudo integra as ações do projeto de pesquisa “A Educação em Literatura e Língua”, vinculado à Universidade Federal de Goiás e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa dessa instituição, conforme Parecer Consubstanciado nº 6.585.464. A geração do material empírico ocorreu entre os meses de

agosto a dezembro de 2024. Para isso, utilizamos os seguintes instrumentos metodológicos: a) um questionário inicial para a coleta de informações gerais dos participantes (nome, pseudônimo escolhido, idade e sexo), com base em Moreira e Caleffe (2008) e Mello e Rees (2011); b) gravações em áudio das interações realizadas durante as atividades em sala de aula; e c) entrevistas individuais, fundamentadas em Godoy (2006), Moreira e Caleffe (2008) e hooks (2015), conduzidas ao final das atividades, com o intuito de registrar as percepções dos discentes sobre os temas abordados.

A intervenção pedagógica teve início com a projeção de um recurso audiovisual focado em masculinidades saudáveis e suas potencialidades de transformação na sociedade brasileira, servindo como elemento disparador para um debate inicial sobre conceitos de gênero. Na sequência, os estudantes foram instigados a problematizar suas percepções prévias acerca das normas que estruturam a masculinidade tóxica. Após a delimitação conceitual desses termos, os discentes receberam a versão impressa do artigo intitulado “Masculinidade tóxica fará com que 1 em cada 5 homens nas Américas não alcancem os 70 anos de idade”, publicado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), o qual serviu de base textual para as discussões críticas subsequentes.

A mediação pedagógica em língua inglesa funcionou como um vetor de letramento crítico. Os estudantes realizaram atividades de leitura diagnóstica e debates interativos em língua inglesa a partir de eixos lexicais do texto da OPAS (como *hegemonic power*, *gender-based violence*, e *emotional restriction*), conectando o vocabulário técnico à realidade sociocultural local. Problematicamos como a masculinidade tóxica envolve padrões comportamentais e atitudes que sustentam a ideia de que ser homem significa ser dominante, insensível e agressivo. Discutimos exemplos concretos de situações vivenciadas pelos próprios alunos que refletem tais padrões, como a pressão social para não demonstrar emoções, a expectativa de bravura constante e a resistência à expressão de vulnerabilidade.

A partir dessa reflexão coletiva, foi incentivado o debate sobre os impactos negativos da masculinidade tóxica, tais como os danos à saúde mental, o comprometimento das relações interpessoais e a perpetuação de diversas formas de violência. Além disso, discutimos estratégias para desafiar normas de gênero prejudiciais, incentivando a expressão emocional, a empatia e a desconstrução de estereótipos. Ao final das atividades, os alunos foram convidados a escrever um texto reflexivo sobre as impressões que tiveram durante a aula, com o objetivo de compartilhar suas experiências e percepções com os colegas.

Posteriormente, com base nos dados gerados ao longo das quatro aulas, realizamos a transcrição e a análise do material empírico. Cabe destacar que toda a documentação tica necessária foi devidamente preenchida e assinada pelos participantes antes do início da coleta de dados. Conforme mencionado anteriormente, a investigação contou com a participação de dez estudantes. Contudo, para os fins desta análise, selecionamos apenas parte das interações, focalizando especificamente em produções discursivas que dialogam diretamente com os objetivos centrais da pesquisa. Assim, apresentamos a seguir os direcionamentos da presente investigação, tomando como base a concepção de linguagem como prática social que influencia ações individuais e coletivas. O espaço da sala de aula, nesse contexto, é entendido como um lugar privilegiado de construção de sentidos e subjetividades, no qual as interações entre professor e alunos, bem como entre os próprios discentes, tornam-se fundamentais para a compreensão crítica das masculinidades:

[1] Rhyane: Durante a aula, discutimos como a masculinidade tóxica pode afetar negativamente os homens, bem como as mulheres e outras

identidades de gênero. O artigo me levou a refletir sobre os padrões culturais e sociais que promovem comportamentos prejudiciais, como a supressão emocional e a busca pelo poder através da violência. É angustiante perceber que ainda hoje somos confrontadas com cenas de feminicídio contra mulheres em uma base diária. Até quando seremos obrigadas a testemunhar essa violência desenfreada? É uma realidade alarmante que nos força a questionar a eficácia de nossas medidas de proteção e o comprometimento da sociedade em combater essa epidemia de violência de gênero. Precisamos nos unir como sociedade para enfrentar essa questão de frente, implementando políticas mais eficazes de prevenção, educando desde cedo sobre igualdade de gênero e garantindo que todas as vítimas recebam o apoio e a justiça de que precisam. A mudança é possível, mas só acontecerá quando todos nos comprometermos a criar um mundo onde todas as mulheres possam viver livres do medo e da violência.

Na perspectiva tridimensional da ACD (Fairclough, 2008), o discurso da aluna Rhyane revela-se particularmente comovente ao operar nas fronteiras da prática discursiva e da prática social. Sua fala estabelece um diálogo produtivo com as concepções de Fanon (2008), especialmente no que se refere à opressão e à resistência. Em suas obras, Fanon discute a construção social da masculinidade, frequentemente associada a ideais de poder e violência, evidenciando como tais padrões culturais e sociais afetam não apenas os homens, mas também as mulheres e demais identidades de gênero, perpetuando relações desiguais e formas diversas de opressão.

Na fala de Rhyane, percebe-se uma crítica contundente à masculinidade tóxica, compreendida como fenômeno enraizado em estruturas culturais e sociais prejudiciais. Do ponto de vista textual, o uso reiterado de termos avaliativos fortes como "epidemia de violência" e "realidade alarmante" demonstra o alinhamento da estudante a uma prática discursiva de desnaturalização do machismo estrutural. A aluna destaca a persistência da violência de gênero, em especial o feminicídio, e questiona a efetividade das políticas de proteção e o real comprometimento social no enfrentamento dessa problemática. Essa inquietação ressoa com a crítica fanoniana à passividade social diante das injustiças, assim como com sua defesa de uma transformação coletiva e emancipatória.

Ao enfatizar a urgência da união social e da implementação de políticas públicas eficazes voltadas à prevenção, à educação e ao apoio às vítimas, Rhyane ecoa o pensamento de Fanon quanto à importância da solidariedade e da ação coletiva frente às estruturas opressoras. Sua chamada à mudança e ao compromisso com um mundo livre do medo e da violência contra as mulheres alinha-se ao ideal fanoniano de uma sociedade mais justa, equânime e humana. Dessa forma, o discurso analisado evidencia uma compreensão aprofundada das questões de gênero, iluminada pela perspectiva crítica de Fanon, ao sublinhar a urgência de abordagens coletivas e engajadas no enfrentamento da masculinidade tóxica e da violência de gênero.

[2] Magnólia: A leitura do artigo de opinião nos proporcionou uma visão profunda sobre os padrões de comportamento associados à masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos homens e das pessoas ao seu redor. Durante a discussão em sala de aula, refletimos sobre como podemos desafiar esses padrões prejudiciais e promover uma cultura de masculinidade baseada no respeito, na igualdade e na empatia. Eu perdi uma prima há 5 anos, o marido a matou simplesmente pois ela não quis mais o relacionamento. Perder minha

prima para o feminicídio foi uma das experiências mais violentas que já vivi. Ver alguém tão querido ser tirado tão brutalmente por causa da violência de gênero é uma dor que não se pode descrever em palavras. Ela era uma pessoa incrível, cheia de vida e sonhos, e foi injustamente tirada de nós por alguém que deveria protegê-la. Essa tragédia deixou um vazio em nossos corações que nunca será preenchido. É difícil aceitar que, em pleno século XXI, ainda vivemos em uma sociedade onde mulheres são mortas simplesmente por serem mulheres. Exijo justiça para minha prima e para todas as vítimas de feminicídio. É preciso responsabilizar os agressores e garantir que eles paguem pelo que fizeram. Além disso, é fundamental que haja mais medidas de prevenção e apoio às mulheres em situações de violência doméstica. Que a memória da minha prima seja um lembrete constante da urgência de acabar com a cultura do machismo e da violência contra as mulheres. Ninguém mais deveria perder a vida dessa maneira. Que sua morte não seja em vão e que possamos trabalhar juntos para criar um mundo onde todas as mulheres possam viver livres de medo e violência.

O discurso de Magnólia aborda de forma sensível e crítica a questão da masculinidade tóxica e sua influência sobre os padrões de comportamento atribuídos aos homens. A partir das reflexões realizadas em sala de aula, propõe-se uma redefinição da masculinidade, ancorada em valores como o respeito, a igualdade e a empatia. Essa perspectiva encontra respaldo na teoria de Moita Lopes (2002), ao enfatizar o papel central da linguagem e das práticas discursivas na construção e negociação das identidades sociais.

O relato pessoal sobre a perda de uma prima em um caso de feminicídio confere ao discurso uma dimensão emocional e vivencial que evidencia a dor e a urgência de se combater a violência de gênero. Sob o prisma analítico de Fairclough (2008), a narrativa dolorosa de Magnólia recontextualiza o texto do artigo da OPAS na esfera de sua prática social vivida. A linguagem aqui transcende a mera descrição acadêmica e assume a função de evento discursivo de denúncia. Tal vivência não apenas denuncia a brutalidade enfrentada por inúmeras mulheres, como também reivindica justiça para as vítimas e políticas eficazes de prevenção e acolhimento às mulheres em situação de violência.

Ao exigir justiça e ao defender medidas concretas de apoio, o discurso configura-se como um gesto de resistência ativa frente à cultura do machismo e à naturalização da violência contra as mulheres. Essa postura revela uma consciência crítica sobre as normas sociais hegemônicas e um desejo explícito de transformação social. Conforme argumenta Moita Lopes (2002), a linguagem pode e deve ser compreendida como instrumento de resistência e empoderamento e o discurso da estudante exemplifica esse potencial ao confrontar desigualdades de gênero e ao mobilizar a palavra como ferramenta de denúncia, justiça e esperança. Assim, o texto analisado expressa uma abordagem comprometida com as questões de gênero e com a luta por equidade. Mais do que refletir sobre as normas sociais em vigor, ele propõe alternativas, convoca à ação e contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

[3] John: Como homem homossexual, vivenciei de perto a pressão para aderir a certos padrões de masculinidade que muitas vezes são tóxicos. Essa pressão vem tanto da sociedade em geral quanto da comunidade LGBTQIA+, na qual também há expectativas sobre como um homem deve se comportar. Minhas próprias experiências me mostraram como a masculinidade tóxica pode ser prejudicial, não só para as mulheres,

mas também para os homens que não se encaixam nesses padrões. Sofri discriminação e ostracismo por não corresponder aos estereótipos tradicionais de masculinidade. Essas experiências me fizeram questionar e rejeitar os padrões tradicionais de masculinidade que promovem a agressividade, a competição e a repressão das emoções. Eu acredito em uma masculinidade mais diversa e inclusiva, que permita a expressão autêntica e plena de quem somos. Estou comprometido em conscientizar outras pessoas sobre os danos da masculinidade tóxica e promover uma cultura de respeito e aceitação da diversidade de gênero. É importante que todos tenham espaço para ser quem são, sem medo de julgamento ou discriminação. Como homem homossexual, sinto uma forte ligação com as lutas das mulheres e de outros grupos que são afetados pela masculinidade tóxica. Estou ao lado delas na busca por uma sociedade mais igualitária e justa, onde todos tenham seus direitos e dignidade respeitados.

A teoria de hooks (2015) concentra-se na crítica às construções sociais de gênero e sexualidade, articulando de forma intrínseca a educação como prática da liberdade com as vivências marginais. Nessa perspectiva, o discurso de John revela-se particularmente significativo, ao compartilhar experiências pessoais enquanto homem homossexual que enfrenta pressões sociais para se adequar a padrões de masculinidade normativos e tóxicos. Essa exposição evidencia como as normas de gênero moldam a vida cotidiana e impactam profundamente as relações interpessoais.

Na dimensão da prática discursiva de Fairclough (2008), o relato de John expõe a interdiscursividade presente dentro da própria comunidade LGBTQIA+, na qual discursos hegemônicos heteronormativos de masculinidade são frequentemente assimilados e reproduzidos. Ao questionar e rejeitar os modelos tradicionais de masculinidade pautados na agressividade, na dominação e na repressão emocional, o aluno propõe uma visão alternativa: uma masculinidade plural, mais sensível e inclusiva. Essa postura representa um gesto de resistência individual e afirmação de autonomia na construção da própria identidade de gênero.

Para hooks (2015), esse processo de autodeclaração e transgressão de barreiras é fundamental na luta contra os sistemas opressivos que tentam controlar corpos, afetos e subjetividades. O discurso também demonstra solidariedade com a luta das mulheres e de outros grupos historicamente marginalizados pela lógica patriarcal. Ao alinhar-se à promoção da justiça social e da igualdade de gênero, John evidencia um engajamento político que transcende a vivência individual, apostando na união e no apoio mútuo como estratégias de transformação social.

Por fim, o estudante defende a importância de fomentar uma cultura baseada no respeito e na aceitação da diversidade de gênero e sexualidade, onde todas as pessoas possam existir de forma autêntica, sem o temor da discriminação. Tal valorização da autenticidade e da pluralidade de experiências reflete, conforme hooks (2015), uma ruptura necessária com as estruturas normativas que restringem e hierarquizam os modos de ser e de amar. Dessa forma, à luz da teoria de hooks (2015) e cruzando com as categorias da ACD, o discurso analisado evidencia as interseções entre gênero, sexualidade e identidade, ao mesmo tempo em que articula um posicionamento político comprometido com a equidade e a diversidade. Essa análise ressalta a importância de considerar as narrativas e experiências das pessoas LGBTQIA+ na desconstrução das normas de gênero e no enfrentamento das dinâmicas da masculinidade tóxica.

5 O Ensino Crítico de Língua Inglesa como Processo Epistemológico de Desestabilização

Os dados empíricos analisados revelam que o processo de ensino de uma língua estrangeira, quando desvinculado de orientações puramente instrumentais ou gramaticais, atua como um potente catalisador para a educação crítica. A mediação pedagógica que utilizou o léxico e as problematizações textuais oriundas do artigo da OPAS e de discussões guiadas proporcionou o que Moita Lopes (2002) classifica como a politização da Linguística Aplicada. Ao desestabilizarem termos hegemônicos, os estudantes operaram mudanças na prática discursiva da sala de aula, ressignificando dores individuais em denúncias sociais coletivas.

Compreender o "como" esse processo se consolidou exige olhar para os passos metodológicos que sustentaram a prática: a articulação da língua estrangeira com debates decoloniais gerou um distanciamento crítico indispensável. O idioma inglês, historicamente associado a dinâmicas coloniais de poder (Fanon, 2008; Maldonado-Torres, 2008), foi ressignificado no contexto da universidade no interior de Goiás como ferramenta de contra-ataque ideológico e desconstrução. As produções textuais e os debates orais em inglês não buscaram a imitação de falantes nativos hegemônicos, mas sim a expressão da autoria legítima e sensível de futuros professores, em consonância com as pedagogias transgressoras de hooks (2015). A sala de aula de língua inglesa confirmou-se, portanto, como um espaço de fronteira onde o questionamento ético das normas de gênero redesenha as identidades docentes em formação.

Considerações finais

Neste ponto da investigação, retomamos os estágios iniciais da pesquisa com o intuito de revisitar as questões norteadoras e avaliar, à luz do percurso já trilhado, as contribuições efetivas produzidas até aqui. Este movimento reflexivo próprio de uma prática investigativa comprometida com o rigor e a transformação permitiu não apenas mensurar os avanços obtidos, mas também identificar novas possibilidades de aprofundamento teórico e metodológico. Reconhecemos, assim, que a busca por respostas permanece enquanto as inquietações fundadoras seguirem mobilizando nossa prática docente e nosso engajamento político.

Ao enfrentarmos novamente as problemáticas que motivaram este estudo, constatamos que as masculinidades tóxicas são sustentadas por normas sociais rigidamente construídas, que valorizam o domínio, a agressividade e a repressão afetiva como atributos esperados do masculino. No decorrer da pesquisa, os participantes demonstraram sensibilidade para identificar e problematizar as pressões sociais que interpelam os sujeitos masculinos, conduzindo-os à conformidade com tais padrões. A desnaturalização desses modelos de masculinidade mostrou-se, nesse contexto, como passo essencial para o questionamento e a rejeição de discursos normativos que operam na manutenção de desigualdades de gênero.

A análise crítica das normas de gênero revelou sua função reguladora e excludente, restringindo a agência individual e perpetuando estruturas assimétricas de poder. Ao explorar representações de gênero na cultura midiática e no cotidiano, os sujeitos da pesquisa foram capazes de reconhecer o caráter histórico e ideológico dessas construções. Nesse sentido, compreendemos que estratégias pedagógicas voltadas à desestabilização dessas normas tais como o incentivo à pluralidade de identidades de gênero e à desconstrução de estereótipos binários são fundamentais, sobretudo no contexto da educação superior. Essa etapa da formação acadêmica e cidadã deve fomentar o desenvolvimento crítico, ético e político dos estudantes, preparando-os não apenas para o exercício profissional, mas também para o protagonismo social.

A abordagem de temas como masculinidade tóxica e normas de gênero nas aulas de língua inglesa

revelou-se profícua para ampliar o repertório crítico dos discentes e promover sua implicação em processos de transformação social. Ao serem confrontados com tais temáticas, os estudantes são convidados a posicionar-se frente às desigualdades estruturais, reconhecendo sua responsabilidade na promoção de práticas mais justas, inclusivas e equitativas.

Em síntese, esta pesquisa evidenciou a importância de interrogar criticamente as masculinidades hegemônicas e os regimes de gênero vigentes, como forma de contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática e plural. A promoção de uma educação pautada no respeito à diversidade, no reconhecimento das diferenças e na problematização das opressões estruturais é urgente e inadiável. Defendemos, portanto, a inserção sistemática de discussões sobre gênero, sexualidade e poder nos currículos escolares e universitários, de modo a potencializar práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e os direitos humanos.

Encerramos esta etapa da pesquisa com a consciência de que os resultados aqui apresentados não constituem um ponto final, mas um convite à continuidade. As narrativas dos participantes, marcadas por lucidez e sensibilidade, revelaram a potência da escuta e da troca no processo de formação crítica. Com esse horizonte, incentivamos futuras investigações que aprofundem as interseções entre masculinidades, gênero, sexualidade, raça e classe, reconhecendo que a superação das desigualdades de gênero exige abordagens interseccionais e ações coletivas. A transformação social, como demonstram os dados analisados, passa necessariamente pela desestabilização dos alicerces que sustentam as opressões cotidianas. Que esta pesquisa possa, assim, servir de subsídio teórico, metodológico e ético para iniciativas futuras comprometidas com a justiça social.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (Eds.). **The landscape of qualitative research**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013, p. 1-41.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. 2. ed. São Paulo, Editora UFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GODOY, Arilda Smidtch. Estudo de caso qualitativo. In: GODOY, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Antônio Carlos Gil (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 17-19.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LOURO, Guaciara Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guaciara Lopes (Org.). **O corpo educado:**

pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 38-40.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Against War**: Views from the Underside of Modernity. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

MELLO, Heloísa Augusta; REES, Dillys Karen. A investigação etnográfica na sala de aula de segunda língua/língua estrangeira. **Cadernos do IL**, n. 42, p. 30-50, junho de 2011.

MOITA LOPES, Luíz Paulo. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MORANTES-AFRICANO, Leonardo. Queering habitus: interrogating heteronormative dispositions that reproduce inequalities towards sexual minorities. **Research in Post-Compulsory Education**, v. 28, n. 2, p. 241–259, 2023.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia científica para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. **Masculinidade tóxica fará com que 1 em cada 5 homens nas Américas não alcancem 70 anos de idade**. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/19-11-2019-masculinidade-toxica-fara-com-que-1-em-cada-5-homens-nas-americas-nao-alcancem>. Acesso em: 6 abr. 2025.

STAKE, Robert. Case studies. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (Eds.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1999, p. 132-137.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.